

Entrevista Pedro Bandeira - Semana Nacional da Leitura em Iporá

"Minha intenção é divertir o leitor"

Entrevista concedida à Assessoria de Comunicação Social da Seduc durante a Semana da Leitura

Por Sici Adriana Rosa



A cabeça de Pedro Bandeira parece estar sempre cheia de histórias. Para contar todas, ele já escreveu mais de 80 livros. O próximo será sobre uma menina que precisa encontrar um bom dono para o seu cachorro, porque ela vai se mudar de cidade e não pode levá-lo junto. Ele também já escreveu um livro cuja história se passa em Goiás, numa fazenda. Garrote, Menino Coragem deu a Pedro muito trabalho, porque ele teve que conhecer uma região que não conhecia e os hábitos das pessoas que viviam nela. Para mostrar às crianças como é feito o livro, ele escreveu O Mistério da Fábrica de Livros. Pedro Bandeira também escreve livros inspirado em escritores dos quais gosta. Os seus favoritos são o português Fernando Pessoa, o brasileiro Machado de Assis e o inglês William Shakespeare. Agora Estou Sozinha ele escreveu pensando em Hamlet, de Shakespeare; O Medo e a Ternura foi inspirado por uma história do francês Vitor Hugo, O Corcunda de Notre Dame. Para o seu primeiro livro, escrito em 1983, O Dinossauro que Fazia Au-au, a inspiração foi a imaginação das crianças, e é no lugar delas que ele se coloca para escrever poesia. Sobre a Isabel, de A Marca de uma Lágrima, Pedro confessou: "Ela é a filha que eu escrevi, já que só tive filhos".

Tudo isso ele contou para a curiosa plateia formada pelos mais de 500 estudantes do Ensino Fundamental que participaram da Semana da Leitura e da Literatura da Secretaria de Estado da Educação, realizada em Iporá, na primeira quinzena de novembro, quando também concedeu a seguinte entrevista:

O senhor fez teatro desde a adolescência, cursou ciências sociais na USP e foi jornalista e professor, além de escrever para crianças em revistas. Entretanto, só aos 41 anos publicou seu primeiro livro, *O Dinossauro que Fazia Au-au*. Como se deu essa decisão relativamente tardia de se dedicar exclusivamente à literatura infanto-juvenil?

Pedro Bandeira: Bom, foi um acaso ao qual o jornalismo me levou. Desde 1972 eu escrevia, profissionalmente, historinhas infantis para revistas da Editora Abril, da Riográfica, da Saraiva. Então, eu já escrevia para crianças. O livro *O Dinossauro que Fazia Au-au* eu escrevi aos 39 anos, mas ele só foi publicado quando eu tinha 41. E

antes, no teatro, eu também escrevia peças infantis. Enfim, eu sempre escrevi para crianças.

O senhor imaginava que teria o sucesso que teve, tornando-se o autor mais vendido do país no gênero, com vários prêmios de prestígio?

Pedro Bandeira: Não, eu não imaginava. Eu queria fazer coisas boas. Não queria ser melhor do que ninguém. Eu li os meus colegas, autores de literatura infantil, para conhecer outros trabalhos do gênero, mas eu não queria ser o melhor. Eu pensava em fazer o melhor que eu pudesse. O fato de as crianças terem gostado sempre me deixou muito feliz, mas eu não esperava ser tão premiado. Não é como uma maratona, em que se quer chegar em primeiro lugar. Eu quero ser lido, quero que meus colegas sejam lidos. Eu quero que a juventude brasileira leia muito. Só isso.

O que é mais importante na literatura infanto-juvenil: divertir crianças e adolescentes ou educá-los? Ou as duas coisas?

Pedro Bandeira: A arte, ou a literatura, não pode ter a pretensão de educar. A literatura existe como uma manifestação artística que deve levar à catarse, como diziam os gregos. Alegria. Eu quero que o meu leitor ache gostoso ler, porque se ele achar gostoso e divertido ler, ele um dia vai ler Machado de Assis, Willian Shakespeare, Charles Baudelaire. Se ele não achar divertido ler meus livros, talvez ele nunca chegue a ler Machado de Assis. Por isso a minha intenção é diverti-lo, falar às emoções dele. Eu não escrevo livro didático. O que educa é livro didático. Claro que eu uso a minha ética ao escrever. Nos meus livros, o bem sempre vence, o mal sempre perde. É como se eu escrevesse o roteiro de um filme, ou uma peça de teatro. Se você faz um filme é para divertir o espectador, não para educar, embora eu seja um educador e queira que meus leitores sejam educados. Mas eu ofereço aos professores, aos pais, um conteúdo que os ajuda a educarem seus alunos, seus filhos.

O senhor ministra palestras sobre letramento e técnicas de leitura. Como avalia o papel da escola, hoje, no estímulo à leitura?

Pedro Bandeira: Infelizmente a escola tornou-se a principal responsável pela educação, e, a meu ver, ela não é. A principal responsável pela educação é a família. A escola não pode substituir a família. A escola recebe a criança já muito tarde, a criança já está formada. Se ela nunca ouviu a mãe ou o pai contar uma historinha, se ela nunca ganhou um livrinho para folhear, ela terá mais dificuldades na escola, e a professora vai ter mais dificuldades com essa criança. Então, a revolução necessária é criar uma nova geração que seja diferente da geração atual. Educar as crianças para que elas gostem de ler e que, mais tarde, eduquem seus filhos também gostando de ler, e que comecem a educar seus filhos em casa. Infelizmente os pais de hoje, em geral, só pensam em prover o sustento do filho. Acham que educar é problema da escola. Não é! Educar é um problema da família. A escola é um ajudante.

Fazendo um contraponto ao papel da escola no incentivo à leitura, o escritor argentino Jorge Luis Borges dizia que ler é uma forma de felicidade. A obrigação de ler, imposta pela escola, não pode tolher essa felicidade?

Pedro Bandeira: Na palestra que dei hoje aos professores, não falei apenas de leitura, mas de conhecimento. Todo conhecimento deve ser dado de maneira prazerosa. É chato ser burro, não é chato adquirir conhecimento. Então, o professor de matemática tem que ensinar de maneira prazerosa e não como se a matemática fosse uma coisa obrigatória e chata. Alguns professores dão a literatura como uma coisa chata porque a aula que eles

dão é obrigatória e chata também. Não se dão aulas de ciências engraçadas, divertidas, provocativas, ou aulas de história provocativas. Todo conhecimento é divertido, estimulante. Então, esse é um problema não só dos professores que adotam livros. Esse é um problema do professor. Os professores precisam mudar, precisam se transformar em outras pessoas. Eles precisam esquecer o que aprenderam na faculdade e se reconstruírem. Eles aprenderam a excluir, a serem chatos. Eles têm que ser sedutores, maravilhosos. Se eles não forem, que futuro haverá para este país, se a nova geração continua sendo tão ignorante quanto à geração atual?

O senhor estudou psicologia e educação para entender as fases do desenvolvimento de crianças e adolescentes e recebe muitas cartas de leitores contando sobre suas angústias, além disso, o senhor é pai e avô. Tudo isso o ajudou a compreender melhor o público para o qual escreve? E as cartas, servem de inspiração ao senhor para criar histórias e personagens?

Pedro Bandeira: Quando comecei a escrever livros para crianças, escrevi histórias infantis para revistas de várias editoras. Mas a publicação de banca é muito efêmera, no mês seguinte é substituída por outra, ou vai para o lixo. Quando me decidi pelo livro, eu me senti obrigado a não fazer bobagem. Eu não era educador. Fiz ciências sociais, sou um homem da literatura, do jornalismo, da leitura. Sou um leitor assíduo de história. Em minhas palestras, falo muito de história, sociologia, ciência política e, principalmente, antropologia. Mas, ao começar a escrever livros para crianças, achei que precisava ser muito responsável. Então, há trinta anos, comecei a estudar educação e psicologia do desenvolvimento para compreender as mudanças emocionais do ser humano à medida que ele se desenvolve. Aos 5 anos, a criança sente determinadas emoções; aos 8 anos, sente outras, que são diferentes aos 12 anos ou aos 15, e assim por diante. E eu preciso saber disso se quero escrever para um público que está numa dessas idades. É claro que a sensibilidade também é muito importante. A arte não se ensina. Ou se tem sensibilidade para escrever ou não se tem. Não adianta estudar para uma coisa para a qual não se tem talento. Se uma pessoa não tem talento, por exemplo, para tocar piano, não adianta estudar piano a vida inteira. Além de estudar a vida inteira, um grande pianista tem talento para tocar piano, para interpretar as músicas. Então, o escritor precisa ter faro, compreender o ser humano, observar. Mas há, sim, muitas coisas que eu estudei que me ajudam bastante, que me acompanham até hoje. Além disso, politicamente, eu sou um defensor da educação, e as palestras que dou são a minha forma política de atuar. É quando posso realmente me manifestar e manifestar a minha esperança num Brasil melhor com uma educação melhor. A nossa educação foi sempre uma educação quase nula. Hoje ela é para todos, mas ela não é tão boa quanto gostaríamos. Para mudar isso é preciso dar apoio ao professor, treiná-lo, melhorar a autoestima dele. Há muita coisa a ser feita, mas é um trabalho prazeroso. Estamos caminhando, o Brasil vai sair desta. E um exemplo disso é que, quando acabou a ditadura militar, o índice de leitura do brasileiro era de 1,8 livro por ano. Hoje, em 2010, uma pesquisa da Câmara Brasileira do Livro mostrou que esse índice está em 4,7 livros por ano, ou seja, em pouco tempo, cerca de 15 anos, quase triplicamos nosso nível de leitura no Brasil.

O senhor fez toda sua formação básica em escolas públicas e também a faculdade. Como avalia a qualidade do ensino público hoje?

Pedro Bandeira: É natural que o ensino público hoje passe por grandes problemas, porque ele veio de um passado em que a educação era apenas para a elite, para uma minoria, quando o professor até ganhava bem. Mas, hoje, passou para uma fase em que

a educação é oferecida para uma totalidade, ou seja, houve a democratização do ensino. Nesse ínterim, não havia a quantidade suficiente de professores para serem contratados. Hoje não temos professores suficientes para todos. É natural que faltem professores de geografia, química, física para o Ensino Médio. Então, vamos improvisando, tentando formar melhor o que temos. Estamos correndo atrás do prejuízo. É claro que, nesse contexto, os problemas são inevitáveis. Não existiam ótimos professores desempregados que foram empregados na fase atual e fez-se uma grande escola. Simplesmente, nós não tínhamos professores. Começamos o processo de democratização do ensino no Brasil somente em 1995. Desde então passaram-se apenas 15 anos, é pouco tempo. Estamos avançando, mas vai demorar. Para corrigir o estrago na história, geralmente é necessária uma geração inteira, para chegarmos a um nível médio. Ainda somos os últimos colocados em compreensão de texto e em matemática, segundo o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que avalia o mundo todo, e ainda vamos demorar uma geração para deixarmos de ser os últimos.

A violência nas escolas é um dos problemas que mais preocupam as autoridades educacionais. Em sua avaliação, quais os fatores que levam a escola a ser tão violenta hoje?

Pedro Bandeira: A violência não é da escola, é da sociedade. É o resultado da exclusão no Brasil. O Brasil é um dos países mais injustos do mundo. São absurdas a injustiça e a má distribuição de renda aqui. Então é claro que existem, na sociedade, despossuídos que praticam a violência no Brasil, na escola, no campo de futebol, na rua. O Brasil vai sempre ser assim. Nas grandes cidades as casas estão cercadas por arame farpado, com cercas eletrificadas. As pessoas têm que andar de carro blindado. Porque, se não, vão ser assaltadas, vão tomar tiro. Eu já fui assaltado inúmeras vezes em São Paulo, à mão armada. E é assim. Nós fizemos um país injusto, um dos países mais malditos do planeta Terra. É uma vergonha a nossa história, é um desespero, é de chorar de ruim. Pela primeira vez temos uma democracia. Vamos mantê-la. Construiremos este país. Durante 500 anos não nos deixaram construí-lo.

O escritor goiano José J. Veiga, assim como Machado de Assis, não teve filhos, mas enquanto o criador de Dom Casmurro tem pouquíssimos personagens infantis, a obra de José J. Veiga é marcada por crianças e adolescentes. Escrever para crianças exige do autor uma convivência com elas?

Pedro Bandeira: [*Meu querido Veiga! Faleceu há pouco tempo. Eu o adorava. Ele era um gentleman, e um grande escritor*]. Escrever para criança exige algum tipo de convivência, mas não necessariamente ser pai. Eu, por exemplo, escrevo sempre para pessoas de 12 anos. Meus filhos passaram pelos 12, mas agora estão com 40. Mas o escritor não se baseia apenas nos seus filhos. Eu escrevo para adolescentes, mas meus filhos passaram depressa por essa fase. Alguma coisa eu observei neles, mas eu tenho que observar o outro, o público que está aí, que não é do meu tempo nem do tempo dos meus filhos. Eu preciso conhecer a criança de hoje, para escrever para essa criança. O Machado não escreveu para crianças porque ninguém escrevia para crianças na época dele. A primeira pessoa que tentou escrever alguma coisa para criança no Brasil é o Olavo Bilac, ainda assim eram poesias sobre cidadania, não propriamente para crianças: [*Pedro Bandeira declama*] "*Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste / Criança, nunca verás um país como este...*". Ele estava querendo dar orgulho de brasilidade e patriotismo para a criança, ele não estava preocupado com a psicologia infantil, em fazer coisas para divertir a criança. Tempos depois, temos Francisca Júlia [*da Silva Munster*], que faz coisas morais, dizendo que a criança tem que ser boazinha,

obediente, que não pode se sujar. O primeiro que tenta ver a criança realmente como criança é Monteiro Lobato. Ele é meio pai da literatura infantil no Brasil. Ele foi professor de todos nós, escritores atuais; todos nós crescemos lendo Lobato; ele é o primeiro. Mas hoje os escritores estão muito ligados à escola, porque os pais não compram livros para os seus filhos. Eu sou o mais vendido porque sou o mais adotado nas escolas. Se meus livros ficarem nas livrarias, nenhum pai vai lá comprá-los. Ele só vai comprar o que a professora colocar na lista de materiais. São pouquíssimos os pais que compram livros para os seus filhos. Eu dependo totalmente da escola.

Como o senhor avalia o parecer do Conselho Nacional de Educação que apontou racismo numa obra de Monteiro Lobato e recomendou que ela não fosse adotada nas escolas?

Pedro Bandeira: [*Muito bravo*] Eu não dou licença a conselho nenhum, federal ou de qualquer lugar, para ele dar qualquer palpite em relação a qualquer coisa! Eles não têm nada que recomendar ou "desrecomendar"! Eles têm que ficar de boca calada. Fechem o bico para não dizerem besteira! Eles não têm o direito de recomendar nada. Não vivemos mais numa ditadura, e eles ainda nem notaram isso. Nós vivemos, agora, numa democracia. Cada pai, cada professor dará ao filho ou ao aluno aquilo que quiser. Ele não precisa que esses imbecis de Brasília fiquem dizendo o que devemos ou não fazer. Eles têm que se calar.

E o que o motivou a enveredar também pela poesia no universo infantil?

Pedro Bandeira: Quando comecei a escrever profissionalmente para criança, fiz o livro que eu queria, que foi *O Dinossauro que Fazia Au Au*, em que tentei imitar mais ou menos a forma de escrever do Monteiro Lobato, a estrutura que ele usava. Depois escrevi um livrinho sobre o preconceito. Quando comecei a frequentar as editoras, elas faziam suas cobranças. Queriam, além dos livros infantis, uma aventura para adolescentes. Então, pensei, pensei, e fiz *A Droga da Obediência*. Aí disseram: "Pedro, falta um livro de poesia para criança". Aí eu disse: "Tá, péra aí". Então parti de detalhes relativos às emoções de uma criança de aproximadamente 8 anos. A relação dela com os pais, com a professora, com o bichinho de estimação, e fiz uma pequena poesia sobre cada uma dessas coisas, o amigo, o vizinho, o brinquedo, para falar com a alma da criança. Eu me coloquei no lugar da criança. Eu não escrevo como eu, escrevo como o outro. Então foi bem planejado.